OPINIÃO

A vacinação e o potencial de proteção

Vacinas são produtos biológicos gerados a partir de vírus, bactérias e outros microrganismos causadores de doenças. Estes produtos podem conter os microrganismos vivos, inativados ou apenas partes destes. As vacinas têm a função de prevenir doenças pela estimulação do sistema imunológico do animal (sistema de defesa), e não devem ser confundidas com medicamentos, que são drogas (produtos químicos) usadas para tratar doenças. Enquanto medicamentos têm efeito imediato, as vacinas demoram pelo menos 15 dias para começar a fazer efeito.

Embora à primeira vista possa parecer, vacinação e imunização não são sinônimos. Enquanto vacinação se refere ao ato de inocular a vacina, imunização diz respeito à proteção adquirida contra a doença. Uma imunização de 100% da população ou do rebanho seria, obviamente, o ideal, porém, este valor é virtualmente impossível de se alcançar. Mesmo vacinas consideradas boas têm índices de efetividade ao redor de 85 a 90%. Isso ocorre porque o sistema imunológico do animal é composto por células e órgãos que têm a habilidade de identificar e diferenciar aquilo que é estranho daquilo que é próprio ao organismo. Acontece que a habilidade do sistema imunológico em reconhecer o que é estranho varia individualmente. Assim, uma mesma vacina pode ser reconhecida com eficácia (e induzir imunidade) pelo sistema imunológico da maioria dos indivíduos, mas não ser por alguns outros. Essas diferenças entre indivíduos de uma população têm origem genética e não podem ser alteradas. Porém, diversos outros fatores que influenciam negativamente a resposta à vacinação são manipuláveis e podem ser minimizados pelas boas práticas de vacinação.

Dentre os fatores não genéticos que podem influenciar na imunidade do animal, podem ser citadas: idade, estado nutricional, estresse e prenhez, entre outros. Porém, nem todos os fatores que colaboram para a não eficiência completa das vacinas são intrínsecos aos animais que as recebem. Fatores relativos à produção e conservação das vacinas também podem influenciar na qualidade destas e na geração de resposta imunológica adequada após a vacinação. Embora o produtor não tenha o controle sobre o processo de fabricação, ele deve ficar atento para algumas medidas que podem ser facilmente adotadas desde sua aquisição até o momento de uso. Abaixo estão apresentadas algumas recomendações:

SÃO dicas muito importantes para a sanidade dos bovinos, não apenas quanto à conservação de vacinas, mas na forma de aplicar

Adquirir apenas vacinas licenciadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e dentro do prazo de validade;

Adquirir vacinas de varejistas idôneos (ou confiáveis), que mantenham a vacina refrigerada até o momento da venda;

Agitar os frascos antes de usar para que todos os animais recebam a mesma quantidade de princípio ativo;

FOTOS: DIVULGAÇÃO

As pesquisadoras Lenita Ramires e Emanuelle Gaspar

Não usar vacinas de frascos abertos (sobras) ou vencidas;

Revisar as instalações de manejo antes da vacinação, para assegurar a segurança tanto das pessoas envolvidas no processo quanto dos animais a serem vacinados e permitir a contenção adequada durante o manejo;

Estocar as vacinas de forma adequada (entre 2 e 8 ºC, na geladeira), inclusive durante o transporte ou no dia do manejo (em caixa térmica contendo três partes de gelo para cada parte de vacina). O frasco da vacina em uso também deve ser mantido dentro da caixa térmica, mesmo no curto intervalo de tempo entre o preenchimento das pistolas (ou seringas). Também as pistolas devem ser mantidas sobre o gelo entre uma embretada e outra, se houver líquido dentro;

Evitar estressar os animais antes, durante e após o manejo – não manejá-los com truculência e gritaria, não deixá-los longos períodos presos, sem acesso à água e comida; disponibilizar sombra aos animais;

Evitar vacinar animais em mau estado nutricional, como, por exemplo, durante período prolongado de seca, ou animais debilitados por outras doenças;

Utilizar agulhas de tamanho adequado, com bom estado de conservação, limpas e desinfetadas (o que pode ser feito por fervura durante 15 minutos). Seringas ou pistolas também devem estar limpas e desinfetadas. A cada 10 animais a agulha deverá ser trocada, descartando agulhas desgastadas e/ou tortas, lavando e desinfetando agulhas em condições de ser reutilizadas. Ao final do procedimento o material deve ser guardado limpo e seco;

Usar uma agulha exclusiva para a retirada da vacina do frasco, não a usando em nenhum animal, para evitar contaminações;

Aplicar a dose recomendada pelo fabricante, na via adequada (intramuscular ou subcutânea);

Preferencialmente vacinar na tábua do pescoço, ou atrás da escápula, no caso das vacinas subcutâneas, evitando a aplicação na garupa. Como algumas vezes pode-se formar abcessos ou hematomas após a vacinação, deve-se evitar injeções em áreas de carnes nobres;

Ficar atento para as vacinas que requerem mais de uma dose na primo-vacinação (primeira vez que os animais são vacinados) e observar corretamente intervalo entre uma vacinação e outra;

Fazer revacinações anuais ou semestrais quando estas forem indicadas nas bulas dos produtos.

Embora a vacinação possa representar trabalho extra e tenha um custo, este é normalmente muito menor que as perdas ocasionadas pelas doenças, tanto com a perda de animais, quanto com a queda de produtividade e desempenho. Vale a pena ressaltar que se a maioria dos animais está protegida pela vacinação, a circulação do agente causador da doença naquela população diminui e o risco de infecção em animais sadios também diminui. O produtor pode maximizar o efeito da vacina -prevenindo o aparecimento ou minimizando os impactos de doenças que podem comprometer os aspectos produtivos ou reprodutivos do rebanho - ao adotar medidas simples, como as mencionadas acima.

EMANUELLE BALDO GASPAR e **LENITA RAMIRES DOS SANTOS** pesquisadoras da Embrapa Pecuária Sul e da Gado de Corte